

# A vida fáctica em Heidegger: além da representação<sup>1</sup>

**Carmem S. Peraita**

csegura@filos.ucm.es

Universidade Complutense de Madrid - Espanha

Texto traduzido por

**José Francisco dos Santos**

josesantofsc@hotmail.com

Mestrando em Filosofia pela UNISINOS

---

Faz-se necessário precisar, dada à amplitude e complexidade do pensamento de Heidegger, que este trabalho se centre exclusivamente em sua primeira época como docente em Friburgo (que tem demonstrado tão fecunda e decisiva) e que toma em consideração os cursos e escritos correspondentes a tal período.

Esta comunicação quer manter-se no marco das concepções e narrativas do sujeito. Se não sempre, pelo menos em seus primeiros anos, Heidegger dedicou seus esforços (desde o impulso proporcionado pela filosofia da vida) a proporcionar uma interpretação nova e radical do Dasein humano. É certo ainda que, em seus primeiros escritos, refere-se explicitamente ao *ser si mesmo (Selbstsein)* e, portanto, ao sujeito. Logo abandona esse tipo de denominação, motivado pelo desejo de evitar a dialética ocidental: sujeito-objeto. Ainda que considerando as restrições oportunas, seria possível (pelo menos em ordem do diálogo) entender sua hermenêutica da facticidade como única concepção ou narrativa do Dasein humano.

Única porque Heidegger não entendia sua proposta simplesmente como uma nova concepção acerca do ser humano. O que pretendia era conseguir uma experiência originária da vida fáctica em que esse objeto pudesse falar por si mesmo, mostrar-se como fenômeno, além de toda mediação teórica, distante, portanto, de qualquer conceitualização e longe de toda aplicação a priori de categorias. A categoria de Heidegger tampouco seria uma narração do sujeito posto que buscava, precisamente, a fundação de uma ciência rigorosa da vida. Assim, sua hermenêutica fenomenológica da facticidade não seria nem concepção nem teoria. Seria, de acordo com seu propósito, hermenêutica, interpretação da facticidade e, desde ela, colocar que a filosofia foi entendida como prolongação de *um movimento fundamental (Grundbewegtheit)* que se encontra na mesma vida fáctica.

---

<sup>1</sup> Tradução a partir do original espanhol, publicado sob o título: “La vida fáctica en Heidegger: más aça de la representación”, pela revista *Thémata*. Revista de Filosofia, número 22, ano 1999, p. 281-289.

Contudo, teremos que perguntar pela índole própria de tal interpretação. Não parece suficiente afirmar que a fenomenologia é ciência preteórica. É preciso mostrar suficientemente como é possível tal ciência; mostrar, portanto, que a autorinterpretação da facticidade não supõe elaboração alguma, se isso é possível. Ao fazê-lo, surge a dúvida sobre se o próprio projeto heideggeriano não contradiz, pelo menos até certo ponto, sua mesma interpretação da facticidade. Concretamente, se não atenta contra a estrutura fundamental do Dasein que Heidegger denominou *Ausgelegtheit*: *está interpretado*.

Se não resulta difícil acertar a evidência da interpretação, resulta mais problemático entender como pode tê-la sem mediação, quando aquela pressupõe necessariamente a esta. Assim o que precisamente se torna problemático é a mesma idéia (e, seguindo a Heidegger, a mesma complementação – *Vollzug* ) da interpretação. Todavia, como conclui Heidegger, na hermenêutica fenomenológica existe uma radicalidade na união do sentido lógico e ontológico. Foi exposta a questão do ser e da forma que se nomeia a si mesmo. Formas que são categorias, conforme o próprio Heidegger afirma<sup>2</sup>, sem dúvida, novas e originais, mas sempre categorias.

A hipótese que se propõe nesta colaboração é que a interpretação heideggeriana constitui também uma concepção e, por que não, uma narração do sujeito?

## **1. A fenomenologia como ciência originária da vida**

É correto que o propósito heideggeriano se encaminha a conseguir uma ciência da vida que chegue até as experiências originais. Que se situe, portanto, num plano preteórico, anterior a toda representação, porque só assim comparecerá o sujeito histórico em seu plexo de significatividade. Pois, só assim se conseguirá evitar a desvitalização a que, necessariamente, fica submetida a vida no proceder teórico.

Este é o objetivo perseguido constantemente por Heidegger em seus primeiros cursos friburguenses. Com efeito, o caminho que acabará conduzindo a Ser e Tempo se inicia em 1919, ano em que dita três cursos reunidos na *Gesamtausgabe*, sob o título *Para uma definição da Filosofia*. Ali começa Heidegger sua análise do mundo entorno e sua hermenêutica da facticidade. Concretamente, no semestre de urgência, o pós-guerra de 1919, *A idéia de filosofia e o problema de concepção de mundo*, busca a fundação de uma fenomenologia hermenêutica como ciência originária, mediante a caracterização de seu âmbito e de seu método correspondente. Deseja superar o domínio da teoria, alcançando as autênticas experiências originárias, que não são qualidades abstratas, mas que se dão como um todo no mundo, num contexto de significatividade. Assim, percebe que a experiência imediata é algo em significatividade e

---

<sup>2</sup> Cf. M. Heidegger, <Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles. Indicação da situação hermenêutica>. <Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles, Anzeige der hermeneutischen Situation> em Dilthey-Jahrbuch 6 (1989), pp. 228-274, p. 16.

mundanidade: o mundo <mundear>: <es weltet><sup>3</sup>. Com efeito, o sujeito não percebe primeiro as cores, os tamanhos, os aromas, mas algo como a mesa, a sala, etc.<sup>4</sup>.

Por outra parte, Heidegger destaca que em toda experiência do mundo está presente o sujeito histórico, que não é considerado nas experiências teóricas que levam a cabo uma deshistorização, desmundanização e desvitalização, uma des-significação das experiências do mundo em torno. Por isso, novamente, é necessário um conhecimento da experiência em quanto tal que não implique uma nova subvenção no teórico que não faz dela um objeto novamente. No entender de Heidegger, isso não possibilita o princípio teórico dos princípios da fenomenologia: tudo que se dá originariamente na intuição deve ser tomado tal como se dá<sup>5</sup>. Em síntese, Heidegger considera necessário uma fenomenologia que seja investigação da vida e que faça da intuição fenomenológica uma intuição hermenêutica<sup>6</sup>.

Frente ao Neokantismo, Heidegger sustenta que o âmbito originário da filosofia está além do teórico, portanto, a fundamentação da ciência originária deve ter lugar na dimensão preteórica, que mais adiante Heidegger denominará <fáctica> (*faktisch*)<sup>7</sup>. O ponto de partida não pode ser o **factum** do conhecimento e da ciência, mas que deve ser substituído pelo ponto de partida fenomenológico do fato originário da vida. A filosofia deve ser uma ciência originária de caráter preteórico porque seu motivo originário se encontra na inquietude da vida.

No curso de inverno de 1919/20, *Problemas fundamentais da fenomenologia*, Heidegger continua com os temas centrais do semestre anterior<sup>8</sup>. Sustenta que, enquanto ciência originária da vida, a fenomenologia há de buscar aquelas situações e experiências fundamentais nas quais expressam a totalidade da vida, transformando-se assim em fenomenologia de si mesmo e de possuir-se a si mesmo<sup>9</sup>. Define a categoria da vida fáctica e tenta aproximar-se dela. Afirma que a atitude fundamental dos filósofos deve ser a do Eros platônico, que não deve olhar fixamente a vida como tiranos lógicos. Que o ponto de partida da filosofia há de ser a vida mesma, cuja característica fundamental é a historicidade (*Geschichtlichkeit*).

Já aqui se expõe a pergunta decisiva de como pode consentir a fenomenologia com esse seu objeto próprio. Não se pode tratar de um acesso teórico porque este afogaria a vida; há de ser, então, uma boa oportunidade de realização da vida<sup>10</sup>. A fenomenologia criou um âmbito que a filosofia sistemática tradicional sempre ignorou. Simultaneamente realizou uma destruição das objetivações que até este momento lhe havia quitado a vida.

---

<sup>3</sup> Cf. M. Heidegger. *A definição da filosofia. Zur Bestimmung der Philosophie*, ed. B. Heimbüchel, Klostermann, Frankfurt a. M. 1987, GA, vol. 56/57. 1) Krigsnotsemester 1919, A ideia de filosofia e o problema de concepção de mundo, *Die Idee der Philosophie und das Weltanschunnsproblem*, p. 72.

<sup>4</sup> Cf. *Ib.* p. 70-73.

<sup>5</sup> Cf. *Ib.* p. 109.

<sup>6</sup> Cf. *Ib.* p. 116-117.

<sup>7</sup> Cf. Th. Kisiel, *Das Entstehen des Begriffsfeldes 'Faktizitat' im Frühwerk Heideggers em Dilthey-Jahrbuch 4 (1986-7)*, p. 92-119, p. 96.

<sup>8</sup> Cf. *Ib.* p. 102.

<sup>9</sup> Cf. *Ib.* p. 103-106.

<sup>10</sup> Cf. Fr. Hogemann, *Heideggers Konzeption der Phänomenologie in den Vorlesungen aus dem Wintersemester 1919/20 un dem Sommersemester 1920 en Dilthey-Jahrbuch 4 (1986-1987)*, p. 54-71, p.58.

À conceitualidade (Begrifflichkeit) da filosofia tradicional opõe Heidegger a de uma lógica concreta: a fenomenologia. Esta se manteve firme na idéia de uma ciência estrita, e apontou que a vida fáctica assegurou nela o seu terreno. A fenomenologia seguiu o mandamento fundamental do ver segundo o qual, cada passo que dá foi demonstrado pela intuição, sabendo que intuição originária não é o mesmo que intuição de objetos. E posto que os fenômenos não são coisas isoladas, o fenomenólogo tenta compreender a vida como ela mesma se compreende. Trata-se, portanto, de uma intuição que é um compreender (Verstehen) que se dirige ao sentido da situação de conjunto do fenômeno.

Nas lições do semestre de verão de 1920, *Fenomenologia da intuição e da expressão. Teoria da formação filosófica de conceitos*, Heidegger interpreta a filosofia de sua época como um irremediável enfrentamento entre filosofia como ciência rigorosa e a filosofia como concepção de mundo. Já nestes cursos, Heidegger adverte a necessidade da destruição fenomenológica da história, como única forma possível de acesso às coisas mesmas<sup>11</sup>. Uma destruição a que recorre tanto para enfrentar o problema do a priori como, da experiência, presente nas posições de Natorp e Dilthey.

Durante este curso, Heidegger destaca, mais uma vez, a dimensão originária da vida – fáctico-histórica<sup>12</sup>. O Dasein que em relação à historicidade aparece nesta Vorlesung já não tem nada a ver com o sujeito da filosofia moderna que, a seu juízo, se encontra, todavia, presente em Husserl.

Também no volume intitulado *Fenomenologia da vida religiosa* o problema da historicidade constitui o núcleo da reflexão. Heidegger entende que a filosofia surge da experiência fáctica da vida e que esta só pode ser compreendida desde a historicidade. Reitera que a vida fáctica não tem caráter de objeto, mas tão só de significatividade. Que, portanto, e em seu caso, o relevante não é o que, mas, o como; que o definitivo na vida fáctica é a complementação (Vollzug) e que o histórico não é experimentado quando se submete à ciência historiográfica, mas quando é compreendido como fenômeno, tal como se dá na mesma vida.

Nos seminários do verão de 1921, *Agostinho e o Neoplatonismo* (que recorre as interpretações fenomenológicas do livro X das Confissões) Heidegger tenta uma compreensão fenomenológica da experiência originária mediante o recurso a conceitos neoplatônicas. Assim, teria arrancado a vida fáctica de sua inquietude originária tornando-a estranha a si mesma. Heidegger lamenta que a experiência originária da vida cristã se tenha submetido aos moldes rígidos e insuficientes da filosofia grega; o que, em definitivo, explica o produto no transformar-se a teologia medieval. Uma teologia, agora entendemos porque, é necessário destruí-la<sup>13</sup>.

---

<sup>11</sup> Cf. M. Heidegger. *Fenomenologia da intuição e da expressão. Teoria da formação de conceitos filosóficos*. GA, vol. 59, p. 29-30.

<sup>12</sup> Cf. F. Hogemann, *Heideggers Konzeption*, p.56-57.

<sup>13</sup> Cf. M. Heidegger. *Fenomenologia da intuição*, p. 38-44, cf. E. Colomer. *O pensamento alemão de Kant a Heidegger*, Vol III, Herder, Barcelona, 1990, p.485-488 e Lehmann, <Christliche Geschichtsfahrung und ontologische Frage beim jungen Heidegger> em Heidegger. *Perspektiven zur Deutung Werkes*, 1970.

Pouco tempo depois, no outono de 1922, Heidegger formulou mais explicitamente a necessidade de realizar a desconstrução. Entendera a filosofia como investigação radical-histórica e anunciou que só a desconstrução da filosofia ocidental possibilita o verdadeiro acesso às experiências originais. Uma desconstrução que teve de remontar-se a Aristóteles de cuja ontologia e lógica se tem alimentado todo o pensamento até a situação atual. Com efeito, no *Informe Natorp*, Heidegger traça um esboço panorâmico do desenvolvimento da filosofia europeia que põe à mostra tanto suas origens aristotélicas como as que, pelo mesmo, têm estado sujeitas. Adverte ali que só desvelando o ter e conceber prévios (Vorhabe e Vorgriff), dentro dos quais se move sempre o Dasein humano, será possível um acesso autêntico àquilo que nunca há sido originariamente experimentado: a vida fáctica.

Até o verão de 1921, tem sido a evidência da insuficiência e parcialidade da teoria que há levado a Heidegger a necessidade da desconstrução, porque essa teoria encobre como ocorre o originário, a seu juízo, no caso da experiência cristã da vida e do tempo.

Contudo, ao longo das reflexões sobre a *Fenomenologia da vida religiosa* é preciso deter-se ainda que seja brevemente, nas raízes religiosas da problemática destacada por Heidegger. Como apontou Gadamer, as questões de índole teológica possuem um papel fundamental<sup>14</sup>, ainda que seja assunto independente ou decidir até que ponto o termo facticidade conserva essas conotações religiosas. Segundo Heidegger, a busca de um principio último necessita completamente de um novo sentido<sup>15</sup>. É certo que um ano antes deste curso, em janeiro de 1919, Heidegger havia escrito a seu amigo e professor de Teologia Dogmática, Engelbert Krebs, confessando-lhe que a dogmática católica tinha se tornado inaceitável. Contudo, em 1920, escreveu a Löwitz insistindo que ele era um teólogo cristão. O certo é que as questões teológicas estão além de pertencer a um determinado sistema e que não parece possível entender o pensamento heideggeriano sem levá-las em consideração. Basta para ele, ao recordar sua biografia intelectual. Por outra parte, na caracterização das estruturas fundamentais da vida (que começa a tomar corpo a partir de 1921) não se podem evitar as influências cristãs em seu pensamento.

O já citado semestre de inverno de 1921/22 *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles. Introdução a investigação fenomenológica*, constitui um curso particularmente relevante, tanto por seus conteúdos, quanto pelo que faz a trajetória intelectual de Heidegger. Nele se apresenta com força um pensamento não só próprio, mas já elaborado, que considera como objeto da filosofia o Dasein fáctico, enquanto que interrogado por seu caráter de ser. E que adverte (mas não chegara a realizá-la) a necessidade de uma volta desconstrutiva para Aristóteles, em torno ao qual começa a girar sua atividade intelectual. Pela primeira vez Heidegger atende sistematicamente as categorias fundamentais da vida, a relação mundo-vida, o cuidado e a caída. No contexto de seu perguntar pela definição da filosofia, ao que dedica grande parte do curso, Heidegger apela pela primeira vez à situação hermenêutica: posto que a filosofia

---

<sup>14</sup> Cf. H. G. Gadamer. *Erinnerungen an Heidegger. Perspektiven zur Deutung seines Werkes*, 1970.

se encontra sempre numa posição anterior ao fáctico, é preciso uma preparação radical e clara da situação hermenêutica. Neste contexto começa a utilizar, com o sentido técnico que conhecemos em *Ser e Tempo*, as categorias do ter e conceber prévio. Um categoria que exibiria toda sua energia quando Heidegger, alguns meses depois, descobre e aplica positivamente a sua hermenêutica, a convicção de que o Dasein está sempre interpretado.

## **2. A filosofia como hermenêutica fenomenológica da facticidade**

O *Natorp Bericht* supõe o encerramento da primeira etapa heideggeriana em Friburgo e o começo de seus anos de docência em Marburgo. Constitui um documento de singular relevância porque nele Heidegger expõe sistematicamente sua concepção de filosofia como hermenêutica fenomenológica da facticidade. Recordamos ali o que havia exposto no semestre anterior de inverno: que o objeto da filosofia é o Dasein humano, enquanto que interrogado por ela a respeito de seu caráter de ser<sup>16</sup>. Que a filosofia não é mais a prolongação de um movimento fundamental da vida fáctica<sup>17</sup>. E que a caracterização concreta da problemática filosófica há de ser destacada desde seu objeto: o fáctico Dasein humano enquanto tal.

A orientação fundamental do perguntar filosófico não é para a vida, a seu juízo, algo imposto desde fora, mas que constitui a apreensão explícita de um movimento fundamental da vida fáctica, que é de tal índole que na concreta maturação de seu ser se ocupa de seu ser<sup>18</sup>. A possibilidade de que o Dasein humano possa mostrar-se autenticamente procede da explícita capacitação desse mesmo movimento. Só como se apreende adequadamente pode encontrar-se a atitude necessária e a forma de acesso ao objeto da filosofia. Mas é preciso que o objeto se mostre em si mesmo para que compareça como fenômeno, o que depende de que o acesso a ele seja adequado. E Heidegger entende que na história do pensamento ocidental falta completamente uma autêntica interpretação fundamentada em sua raiz: o problema filosófico fundamental da facticidade<sup>19</sup>.

Do dito até agora se depreende, em primeiro lugar, que o ver fenomenológico não pode situar-se em outro nível diferente ao da pura facticidade. Em segundo lugar que, enquanto que ciência originária, a fenomenologia entendeu a si mesma como a mera prolongação desse movimento fundamental que está sempre na vida, que pergunta ao Dasein humano com referência ao seu caráter de ser<sup>20</sup>. Em terceiro lugar, é também necessário, a juízo de Heidegger, que a filosofia esteja decidida a situar a vida fáctica desde suas próprias possibilidades fácticas. O

---

<sup>15</sup> Cf. *Ib.p.* 14-26.

<sup>16</sup> Cf. *Das menschliche Dasein als Von ihm [der philosophischen Forschung] befragt auf seinen Seinscharakter.* NB 3.

<sup>17</sup> Cf. NB 5.

<sup>18</sup> Cf. NB 3-5.

<sup>19</sup> Cf. NB 22

<sup>20</sup> Cf. A existência é precisamente aquela possibilidade da vida fáctica que tem o caráter de uma preocupada interpretação da vida em relação a seu sentido do ser. NB 13-5.

que para ele exige que seja fundamentalmente atéia. Então, conclui Heidegger, terá escolhido com decisão fazendo da vida fáctica em sua facticidade seu objeto.

O objeto perseguido é a busca da facticidade, de um Dasein humano sem representações. Assim, comparece em juízo seu autêntico caráter de ser, isto é, seu sentido. Uma vez situada, como deseja Heidegger, em suas possibilidades fácticas o como (Wie) de sua investigação consistirá na interpretação do sentido de ser em suas fundamentais estruturas categóricas; isto é, nos modos em que a vida fáctica madura a si mesma e, madurando, fala consigo mesma (kathgorei `n).

Contudo, para Heidegger, a vida fáctica tem uma tendência originária à caída (Verfallenstendenz). Devido a ela o cuidado (Sorge) tem a possibilidade e a disposição a abandonar sua orientação ao mundo e seu trato com ele (Umgang) de maneira prática e imediata. Isto é o que explica que a circunspeção (Umsicht) se restringe a um puro ver, a curiosidade (Neugier), e que o mundo já não aparece como um *com que do trato (Womit des Umgangs)* senão como objeto de visão (Hinsicht), de contemplação e de ciência. Assim é como, em opinião de Heidegger, a teoria cobra a primazia e se transforma num deter-se na contemplação dos objetos, precisamente quando que objetos<sup>21</sup>.

Heidegger se refere ao estar interpretado (Ausgelegtheit), em que sempre se move a vida fáctica, precisamente quando está mostrando a origem da teoria. Facticamente, o estar interpretado é aquele em que a vida mesma se encontra e em que está determinado o modo em que a vida se toma a si mesma no *cuidado (Sorge)*. A circunspeção (Umsicht) situa ao mundo numas referências concretas em que a vida fáctica, levada por costume, emerge-se cada vez mais. No tal estar sempre interpretado é onde se encontra definido o sentido do Dasein da vida (Sinn Von Lebensdasein), o como que (Als was) e o como (Wie) com que o homem mantém a si mesmo em seu próprio ter prévio (Vorhabe)<sup>22</sup>.

Para Heidegger, posto que a vida fáctica se move em cada momento num estar interpretado, não há facticidade sem interpretação e, portanto, sem situação hermenêutica. Por sua tendência à caída (Verfallenstendenz), a vida vive geralmente no inautêntico (im Uneigentlichen), pois adota o que lhe foi entregue sem conservar seu sentido originário, de forma que também sua própria interpretação é afetada por essa caída: <todo trato e toda circunspeção da vida fáctica é afetada por essa caída e, não em último lugar, sua própria complementação da interpretação segundo ter e o conceito prévio. Nesse movimento da facticidade se encontra também a filosofia na forma de seu perguntar e encontrar resposta, posto que é tão só a interpretação explícita da vida fáctica><sup>23</sup>.

Assim, pois, o ter prévio (Vorhabe), que é o que proporciona ao Dasein humano uma compreensão primeira e teórica, mas não objetiva, permanece configurado por uma tradução que

---

<sup>21</sup> Cf. NB 7-8.

<sup>22</sup> Cf. NB 8.

não é apropriada originariamente. Mas desde tal inautenticidade se fixa o como que (Als was) segundo o qual o homem se entende a si mesmo. A filosofia também, enquanto interpretação explícita da vida fáctica, se encontra numa determinada interpretação que lhe foi entregue.

Pois bem, a filosofia da situação atual continua recorrendo, a juízo de Heidegger, a uma conceitualidade grega inautêntica nas atribuições de experiências fundamentais que conformaram a ética grega e sobretudo a idéia cristã de homem. Contudo, apesar de todas as alterações sofridas ao longo da história, todavia se adverte, em parte, seu sentido originário. Ainda que a tradição se revela inicialmente como obstáculo, Heidegger confia que sua apropriação autêntica possa proporcionar a orientação prévia válida que faça possível o acesso aos fenômenos e, assim, a uma adequada interpretação da vida.

A tarefa da *hermenêutica fenomenológica da facticidade* consiste em desvelar a interpretação dominante, segundo seus motivos ocultos, e em proceder a uma desconstrução que conduza a originárias fontes de motivação (Motivquellen) da explicação, que destaque as principais estruturas lógicas e ontológicas, atendendo aos decisivos pontos de inflexão da história da antropologia ocidental. Deste modo, na medida em que a investigação filosófica tem compreendido o tipo de objeto e de ser de seu para que (Worauf) é conhecimento histórico. Um conhecimento que compreende essa desconstrução como o caminho autêntico para no que o presente se há de encontrar a si mesmo em seus próprios movimentos fundamentais (Grundbewgthein). A crítica que surge aqui não só será válida para o fato de que encontramos uma tradição, se não para o como (Wie) nos encontramos nela<sup>24</sup>.

### 3. Considerações finais

O propósito heideggeriano de buscar uma ciência originária da vida se define, em fins de 1922, em uma definitiva *hermenêutica fenomenológica da facticidade*. Mediante ela Heidegger considera possível conseguir uma experiência originária da vida fáctica. Já no semestre de inverno de 1921/22, começa a tomar forma definitiva o que logo expõe superficialmente no Natorp Bericht. Ao final, também como fruto de sua investigação em Marburgo, ainda que motivado por necessidades acadêmicas, surgirá Ser e Tempo. Mas por um momento, nos restringimos aos anos de Friburgo. A problemática ontológica não tomou a frente decididamente, ainda quando Heidegger definira, já em 1921, a orientação permanente de seu questionar: a pergunta pelo sentido do ser. Contudo, o que agora ocupa seu pensamento é a tão insistente questão da vida fáctica.

Seu objetivo é conseguir que surja como fenômeno. Agora se pode fazer um balanço, ainda que fique restringida a limitação própria de um estudo como este. A vida fáctica surge como fenômeno? Responder positivamente resulta problemático e isso por várias razões. A

---

<sup>23</sup> Cf. NB 18.

<sup>24</sup> Cf. NB 20-21. Para a exposição heideggeriana da tradição filosófica ocidental, NB 21-23.

primeira delas é que algumas das afirmações heideggerianas não encontram, a meu juízo, suficiente justificação fenomenológica. Heidegger justificou fenomenologicamente que a filosofia responde a um movimento fundamental da vida fáctica que se pergunta por seu carácter de ser? Justificou fenomenologicamente a tendência à caída e o estar interpretado como estruturas fundamentais do Dasein humano? Por último, que justificativa oferece Heidegger na hora de mostrar que seu proceder está verdadeiramente livre de pré-juízos como reclama a atitude fenomenológica? Como é possível a total ausência de supostos se, como o mesmo Heidegger reconhece, o Dasein humano está sempre interpretado e inclusive a mesma filosofia está afetada pela interpretação?

Antes de definir a índole da investigação filosófica, Heidegger enumera as estruturas fundamentais do objeto vida fáctica. Cientificamente se limita a expô-las e explicá-las. Parte do cuidado (*Sorge*) como sentido fundamental da vida fáctica<sup>25</sup> e passa depois a afirmar, sem mais preâmbulos, que *a vida fáctica se move permanentemente num determinado (...) estar interpretado*<sup>26</sup>. A continuação, e com a mesma profundidade se refere à *tendência à caída, à morte e à existência*<sup>27</sup>.

Todavia, o que se tratou a pouco, especificamente é o *está interpretado e da tendência à caída* que, em definitivo, o justifica e sustenta. É aqui onde tem sentido perguntar-se pelas raízes teológicas de seu pensamento, ainda que agora não possamos deter-nos neste assunto. Bastará tão só apontar que as estruturas fundamentais guardam um notável parentesco com aquelas que são decisivas na experiência cristã e em sua formulação teológica: a assunção do mundo na própria vida, o carácter definitivo e decisório da morte, o pecado original e a possibilidade de uma existência autêntica livre do pecado.

Não é necessário esclarecer que, se é o caso, Heidegger era livre de assumir tais categorias. Mas resulta problemático entender que, se este é o caso, as assumira, afirmando às vezes que era preciso destruir a tradição ocidental, conformada primeira por Aristóteles e depois pelo sistema teológico medieval.

Em qualquer caso, não parece fenomenologicamente justificado o *estar interpretado* que Heidegger propõe como estrutura fundamental. Bem distinto é admitir a evidência da interpretação, de encontrarmos uma determinada situação hermenêutica. Não se discute a interpretação. O que se discute é a possibilidade mesma de chegar a uma pura *experiência originária da vida fáctica*, além de toda representação. A hermenêutica da situação se orienta ao parecer, ao corrigir as dificuldades que a fariam inviável. Mas não se vê como isto pode ser possível.

Que o ver fenomenológico não se situe em outro nível diferente ao da pura facticidade é uma exigência coerente com a concepção heideggeriana. Mas, em qualquer caso, trata-se de um

---

<sup>25</sup> Cf. NB 6-8.

<sup>26</sup> Cf. NB 8.

olhar, ainda que fora mera prolongação de um movimento fundamental da vida fáctica. Por outra parte, o mesmo Heidegger adverte a necessidade da ontologia e da lógica para interpretar o sentido em suas estruturas categoriais; para mostrar como se realiza a si mesma a vida fáctica e como, ao fazê-lo, fala consigo mesma. Isto é, elabora categorias. Mas é evidente que toda categoria constitui uma mediação. Por outra parte, a exigência de ateísmo tampouco parece assegurar um acesso imediato aos fenômenos. Atéia, diz Heidegger, é a filosofia que se mantém livre de questões religiosas<sup>28</sup>. Teria então que determinar se a presença ou a ausência de Deus configura ou não, e como a mesma vida humana. Mas isto é algo que Heidegger não leva a cabo e que resulta incorreto metodologicamente. Trata-se, em definitivo, de uma eleição que, como em outros casos aos que já se fez referência, Heidegger não justifica.

Em definitivo, ainda que Heidegger proporcione as estruturas fundamentais da vida fáctica por via da indicação formal (formal Anzeig), necessita, portanto, de uma ulterior e maior concreção. E ainda que pretenda um puro ver fenomenológico, não consegue já no mesmo ponto de partida da total (e impossível) isenção de todos os prejuízos, de todos os supostos. A mesma idéia da vida fáctica supõe já uma concepção ou ao menos uma pré-concepção. Em definitivo, obedece também a uma representação.

A idéia de uma desconstrução da metafísica ocidental, tal como Heidegger a concebe, pode ser necessária e frutífera. Mas a pretensão de uma experiência totalmente originária da vida fáctica resulta, em último extremo e de acordo com os pressupostos heideggerianos, uma contradição. Pode-se concluir, portanto, que também o pensamento inicial do jovem Heidegger constitui uma concepção, uma narração do sujeito.

---

<sup>27</sup> Cf. NB 9-16.

<sup>28</sup> Cf. nota de Heidegger em NB 16.